

Arnobe de Araújo quer ver apurada a morte da filha no Hospital de Base e a punição dos culpados

# Morte no HBB provoca suspeita de negligência

JORNAL DE BRASÍLIA DF HOSPITAL - 5 FEV 1987

Mais uma suspeita de negligência médica será apurada no Hospital de Base de Brasília. Desta vez pela morte da menina Francisca Irislene Cavalcanti Araújo, de cinco anos, vítima de um derrame cerebral. Internada desde a última sexta-feira no HBB, após ter derrubado um tanque de lavar roupa sobre a cabeça, a menina recebeu duas altas médicas. Para a família, está claro o desasco médico, já que o estado de Francisca era grave, carente de cuidados intensivos.

O acidente ocorreu em Planaltina, onde a família reside. Por volta das 11 horas da manhã, de sexta, Francisca Irislene brincava com mais três crianças, quando se pendurou no tanque, que despencou sobre ela. Conforme seu pai, Arnobe Rodrigues de Araújo, o primeiro passo foi levá-la para o Hospital de Planaltina. Lá, a menina recebeu um "bom atendimento", e foi feito um raio-X. Porém, o caso não era simples e por isso, os médicos encaminharam ao HBB, por ter mais recursos.

A partir daí, o drama da família cresceu e o estado da menina começou a se agravar. Apesar de apresentar vários hematomas no

rosto, bastante inchado, fortes dores de cabeça e deficiência visual, no dia seguinte o médico da unidade de politraumatismo chegou a dar alta à menina, que só não deixou o hospital porque seu estado piorou. No domingo, no entanto, a alta foi efetivada, e Francisca, mesmo vomitando muito, teve a permissão de voltar para casa.

Conforme o pai, era visível que a menina carecia de cuidado intensivo, mas mesmo assim acatou a ordem médica. Já na terça-feira, com um aspecto doentio e fortes dores de cabeça, Francisca retornou ao HBB, onde foi medicada. Em seguida, teve nova alta, mas no caminho de casa começou a ter convulsões sendo levada imediatamente de volta ao hospital. Neste mesmo dia, a "via crucis" da criança teve fim.

Por volta das 20 horas, o pai, que acompanhava a filha, notou um defeito no respirador artificial, quando Francisca parou de respirar. Neste momento, não havia ninguém na sala e as enfermeiras chegaram mas não conseguiram manipular o aparelho", conforme informou Arnobe de Araújo. Somente após 10 minutos surgiu o médico de plan-

tão, que já não pôde fazer mais nada pela criança, vítima de um derrame cerebral.

## Inconformismo

Para Arnobe de Araújo, a filha não teve o tratamento justo. Bastante inconformado, com a morte prematura da criança, ressaltou que o principal culpado pela morte da menina foi o médico de plantão naquele dia. "Ele não deu o tratamento necessário, pois devia estar por perto, quando a menina precisou de socorro". Acrescentou ainda achar "muito estranho o HBB dar duas altas a uma criança naquele estado".

O pedido de necropsia emitido pelo HBB, ao Instituto Médico Legal, foi assinado pelo médico Paulo S. Geraldo. No entanto, Arnobe não soube dizer se era este o médico de plantão naquele dia. Para o pai, nada trará a filha de volta, mas os culpados devem ser punidos. No entanto, ressalvou que não pensa em entrar com uma ação judicial contra o hospital "pois sou pobre e tenho medo, já que eles são ricos". A única esperança é a afirmação do diretor do HBB, Márcio Horta, que prometeu apurar o caso.